César Oliveira

A Revolução Russa na imprensa portuguesa da época

1. Estas breves páginas acerca do modo como a imprensa portuguesa informou e comentou os acontecimentos que decorreram na Rússia nos últimos meses de 1917 e nos primeiros meses de 1918 integram-se num projecto de análise que visa sobretudo compreender a formação de um espírito radicalmente «anticomunista» e contra-revolucionário em grande parte da população portuguesa.

É bem certo que a análise aqui realizada não vai ao fundo das questões; isto é, a mentalidade reaccionária, conservadora e contra-revolucionária insere-se na própria realidade sociocultural da sociedade portuguesa. O analfabetismo, aliado às práticas colectivas de superstição (apoiadas ou não no catolicismo), fornece, ao que julgamos, as condições para atitudes colectivas profundamente marcadas pela «recusa» à inovação, pela «desconfiança» colectiva perante processos de transformação. Por outro lado, a convergência de um tipo de mentalidade fundada em práticas retrógradas e míticas, como a propaganda clerical, sobretudo nos meios rurais, favorece o aparecimento em Portugal de «pequenos Bonapartes» *caseiros,* de homens providenciais que surgem, aos olhos de um «público» especialmente mistificado, como salvadores da Pátria.

Todo o período que vai desde o fim da primeira guerra mundial até 1927-28 é, de facto, muito marcado por uma constante: o apelo sistemático à salvação do País, quer dos desmandos da «ordem republicana», quer dos eventuais perigos da revolução social. O «anticomunismo», argumento explícito do conservadorismo e da resistência encarniçada *à mudança,* é um dos componentes, por certo importante, que vão permitir o triunfo fácil do 28 de Maio de 1926.

Estas pequenas notas são, pois, uma introdução a um estudo que um dia faremos sobre o «*anticomunismo*» *como componente conservador* do comportamento político em Portugal.

Agradeço aos estudantes Rendeiro e Romeu, do Instituto Superior de Economia, o valiosíssimo contributo na pesquisa da imprensa. Sem o seu apoio este trabalho seria ainda mais parcelar.

2. No dia 9 de Novembro de 1917, o *Diário de Notícias* referia: «Petrogrado nas mãos dos maximalistas»; no dia seguinte, *A Manhã*

dizia: «[...] o golpe de estado a favor de Lenine foi dirigido por Trotsky [...]». No jornal monárquico *O Dia,* a 10 de Novembro, num artigo de primeira página, a grandes parangonas, escrevia-se: «[...] o movimento maximalista põe em causa coisas elementares como a ordem e a propriedade; [...] o mal da revolução bolchevique é consequência do movimento republicano de Kerensky e da sua política de intensificação da guerra [...]»; concluindo o artigo, acrescenta-se: «[...] por causa da República ainda haveria de sobrevir em Portugal um regime de sovietes [...]»

É este o tom geral das notícias e dos comentários de toda a imprensa portuguesa, ao tratar ou ao comentar a revolução socialista de Outubro. Porém, em 31 de Janeiro de 1918, a revista anarquista *A Sementeira* publica um artigo, «A nova grande revolução», no qual se denuncia a imprensa burguesa do País pelo carácter das notícias e comentários que faz acerca dos acontecimentos na Rússia; apelida-se a imprensa portuguesa de deturpadora, confusa e contraditória.

Por exemplo, ainda a 16 de Fevereiro, o *Primeiro de Janeiro* escrevia: «[...] Lenine e demais energúmenos do maximalismo [...] A Rússia é hoje um caos [...] a ignorância do povo; a loucura que se apoderou dos soldados, dos operários e trabalhadores do campo, a quem uns utopistas delirantes disseram: 'Sereis como deuses!' Os palavrosos sempre enganaram com facilidade as turbas [...]»

Até ao aparecimento de *A Batalha* e *A Bandeira Vermelha,* apenas *A Sementeira* procura situar correctamente os problemas da Revolução e, embora inserida no ponto de vista libertário, a revista coloca-se numa posição favorável ao novo regime russo.

A 25 de Fevereiro de 1919, *A Batalha* publica um manifesto de Máximo Gorki aos trabalhadores de todo o mundo. Este manifesto surge prefaciado, ao que supomos, por um dos redactores daquele diário operário; o prefácio refere que não se estranha a campanha difamatória da imprensa burguesa contra a Rússia, pois o contrário é que seria de estranhar; a Revolução Russa merece toda a simpatia; e, embora se aceite que se tenham cometido alguns excessos, acha-se importante a publicação da carta de Gorki, dado que a imprensa burguesa o tinha apresentado como contra-revolucionário e depois como morto pelos maximalistas.

Depois, a 1 de Março, este diário operário analisa a revolução de Fevereiro, critica a provocação e a violência da burguesia, denuncia Kerensky como freio da Revolução e faz o elogio de Lenine e de Trotsky.

A 4 de Março publica *A Batalha* uma notícia sobre Kropotkine, afirmando que nem está preso, nem morto e que não tem nenhum agravo contra a revolução de Outubro. A partir de 23 de Março de 1919, Manuel Ribeiro, futuro director de *O Comunista* [1],

[1] Órgão oficial do Partido Comunista Português. Manuel Ribeiro, preso em consequência da greve ferroviária de 1920, vai, pouco a pouco, transitando para posições que poderíamos classificar como de *demo-cristão de esquerda,* de que deixará testemunho no livro *Novos Horizontes.*

inicia uma secção, «Na linha de fogo», onde conduz a defesa da Revolução, para explicar (com grandes limitações) os mecanismos revolucionários, defendendo as realizações dos sovietes, difundindo, de um modo mais ou menos sistemático, toda a propaganda possível sobre a Revolução Russa e atacando, por essa via, «as deturpações e infâmias da imprensa burguesa».

A 5 de Outubro de 1919 surge o primeiro número, logo apreendido, de *A Bandeira Vermelha*. Este jornal, semanário, órgão da Federação Maximalista, inicia então, não apenas a análise da Revolução Russa em todos os seus mais importantes aspectos, mas também a divulgação de textos de Lenine, Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Bukarine, Rosa Luxemburgo, etc. Tentando aplicar alguns conceitos e perspectivas marxistas à sociedade portuguesa e adaptando alguns exemplos da revolução de Outubro, propõe-se contribuir para o advento da revolução sovietista em Portugal [2].

No entanto, no n.º 2 de *A Bandeira Vermelha* escrevia-se: «*Declaração de Princípios. Para evitar mal-entendidos da parte de muitos camaradas que podem supor que os revolucionários portugueses que se dizem bolchevistas fizeram quaisquer restrições nos seus ideais avançados, se torna público que todos os componentes da Federação Maximalista Portuguesa e seus conselhos são em princípio anarquistas e sindicalistas revolucionários, adoptando contudo a designação de bolchevistas, comunistas, maximalistas ou sovietistas. Consigne-se, porém, que todo o indivíduo que em Portugal se declare bolchevista é anarquista ou sindicalista revolucionário.*»

Por outro lado, a 7 de Novembro de 1919, a dois anos já da Revolução Russa, escrevia-se em *A Batalha:* «[...] A revolução socialista russa completa hoje dois anos — dois anos imensos e heróicos — e se fosse necessário, à falta de mil documentos e depoimentos insuspeitos que já temos, provar o vigor das suas raízes e a mentira dos ataques que a visam, este simples facto, a sua resistência durante dois longos anos em circunstâncias tremendas, bastaria amplamente a qualquer espírito livre. [...] A Revolução Russa diz-nos: o solo e os meios de produção são a riqueza comum de todos; a todos cumpre o dever indeclinável do trabalho produtivo; a todos cabe a administração directa das coisas. Estes princípios ainda não receberam na Rússia completa aplicação? Subsiste o germe de uma nova burocracia, o perigo de uma centralização nascente? Não foi inteiramente suprimido o governo estranho à produção, integralmente realizada a fórmula: *nenhum burocrata, todos os produtores?* Embora! Nós não queremos um milagre — queremos uma revolução em marcha. Os princípios estão proclamados: são os que o sindicalismo, o anarquismo, o socialismo popular vinham substancialmente ensinando e anunciando. [...]»

---

[2] *A Bandeira Vermelha* é o órgão de imprensa que permite certo ultrapassar dos limites do anarco-sindicalismo e do sindicalismo revolucionário. Pensamos publicar, dado o seu interesse, uma antologia deste jornal onde devem ser destacados os artigos de António Peixe.

Por sua vez, os artigos 1.º e 2.º dos estatutos da Federação Maximalista Portuguesa consignavam: «[...] Art.º 1.º — É instituída em Portugal uma organização associativa denominada Federação Maximalista Portuguesa, cujo objectivo é difundir os princípios doutrinários tendentes ao estabelecimento do sindicalismo comunista, admitindo transitoriamente a acção do poder revolucionário exercido em ditadura pelos conselhos de operários ou sovietes. Art.º 2.º — Tanto a ditadura proletariana como o regime dos sovietes são considerados práticas experimentais imediatas, sem nenhum carácter filosófico [...]»

Como pode ver-se pelas transcrições significativas feitas, parece poder concluir-se que «o modo» como se conheceu a Revolução Russa foi extremamente parcelar e que a debilidade teórica manifesta na declaração de princípios e nos estatutos da F. M. P. correspondia também a uma informação cheia de lacunas, a uma ausência de preparação teórica, aos limites do próprio movimento operário português.

O conhecimento do marxismo que se tinha em Portugal era, de resto, extremamente diminuto. Salvo um ou outro artigo disperso de Marx ou de Engels publicados pela imprensa afecta ao Partido Socialista, a divulgação do marxismo que se faz em Portugal é sobretudo a do marxismo da II Internacional. Apenas são feitas e publicadas, com nosso conhecimento, três traduções de obras marxistas: *O Manifesto Comunista,* publicado no *Pensamento Social* em 1872-73, *O Elogio da Preguiça,* de Paul Lafargue, publicado na última década do século XIX pela revista *A Questão Social,* e uma compilação, de validade discutível, de trechos de *O Capital,* publicada em 1913 pela Livraria Internacional. Ainda no século XIX, a revista *O Instituto,* de Coimbra, publica alguns artigos onde se manifesta um certo conhecimento do marxismo, mas é extremamente duvidosa a influência desta revista no movimento operário.

3. Parece não haver dúvidas de que a Revolução Russa teve grande impacte sobre o movimento operário português, que, através da sua imprensa, não só procura contrariar a deturpação e as informações tendenciosas e falsas dadas pela imprensa burguesa (republicana, monárquica e «independente»), como realiza a divulgação das posições políticas em presença no decurso do processo revolucionário entre Fevereiro e Outubro.

No entanto, o modo como a imprensa operária portuguesa *vê* a Revolução Russa é em si mesmo muito significativo; de facto, se o desconhecimento do papel do Partido Bolchevique e do leninismo poderá explicar grande parte das confusões, não é menos verdade que os *sovietes,* sempre entrevistos como instrumento revolucionário fundamental da revolução, foram o aspecto mais salientado pela imprensa operária. As massas trabalhadoras em movimento e em luta contra a dominação capitalista e que, organizadas em sovietes nas fábricas, nos campos, nos bairros, no exército e na marinha, *foram de facto o agente histórico colectivo e fundamental na destruição do capitalismo e do czarismo,* teriam de encon-

trar grande apoio no seio do movimento operário português, no qual era dominante, exactamente, a ideia da greve geral revolucionária, concepção que *tem muito a ver com parte do processo revolucionário russo entre Fevereiro e Outubro.*

O radicalismo do processo revolucionário russo, o carácter implacável da acção revolucionária contra o governo de Kerensky, a liquidação de todas as posições capitulacionistas e moderadas perante a potencialidade do movimento de massas e as condições favoráveis para o derrube da burguesia, a violência revolucionária de massas são também aspectos fundamentais que se enxertam quer em parte da tradição do movimento operário português, quer na propaganda e na agitação que os anarco-comunistas e os sindicalistas revolucionários vinham realizando há largos anos.

Por outro lado, o carácter exemplar da Revolução Russa, exactamente porque deu um relevo especial à acção revolucionária de massas, porque o proletariado e os seus aliados saíram vitoriosos do processo de que foram os agentes essenciais, porque o *contrôle* proletário e popular realizado pelos sovietes garantiu a predominância das massas no próprio *contrôle* da Revolução e a *correcção* dos eventuais desvios do novo *estado revolucionário,* revelou-se factor extremamente importante para a adesão do movimento operário organizado e da maioria dos seus dirigentes à mesma Revolução e criou um clima propício à acção e propaganda desenvolvida por *A Bandeira Vermelha* e *A Batalha.* Se as referências ao papel fundamental do Partido Bolchevique, como principal força política da Revolução e como capacidade colectiva e organizada para dirigir o movimento de massas, se esbatem e não adquirem amplitude na imprensa operária, também é certo que até 1921-23 a C. G. T. e *A Batalha* não cessam de prestar o seu apoio, quase incondicional, à revolução socialista russa. Se de Novembro de 1917 a Fevereiro de 1919 as informações sobre a Revolução são escassas e tendenciosas, é de facto com o início da publicação do diário *A Batalha* que começa o esforço de propaganda, a divulgação e defesa da Revolução Russa.

Um organismo operário federado na C. G. T., a Federação dos Transportes, aprovou, quando se começou a desenhar o ataque imperialista à realidade revolucionária da Rússia Soviética, uma resolução onde, depois de dar o seu apoio à Revolução, resolvia que os trabalhadores dos transportes entrariam em greve se fossem obrigados a transportar qualquer apoio aos exércitos contra-revolucionários. De resto, entre a Federação Maximalista, *A Bandeira Vermelha,* a C. G. T. e *A Batalha* houve sempre relações muito cordiais; essas relações amistosas espelham-se perfeitamente na prisão, como consequência da greve ferroviária de 1920, de Manuel Ribeiro, líder da Federação Maximalista e director de *A Bandeira Vermelha:* o diário da C. G. T. está na primeira fila da luta pela sua libertação. Ainda no comício do 1.º de Maio de 1921 (n.º 747 de *A Batalha*) é aprovada por aclamação uma moção que incluía, entre outras resoluções, uma saudação à Revolução Russa.

Por outro lado, os poucos barcos soviéticos que escalam o
 porto de Lisboa nos anos imediatamente a seguir à Revolução

são saudados pelos trabalhadores lisboetas, havendo até na imprensa alguns relatos de tumultos provocados por choques com as autoridades. De resto, era quase sempre vedado às tripulações dos barcos soviéticos o desembarque e livre circulação pelas ruas da cidade. Também o *Diário de Lisboa,* em 1921, fez uma ou outra reportagem e entrevistas aos comandantes dos barcos russos surtos no Tejo. Os repórteres primavam sempre, como seria de esperar, por comentários marginais e sempre tendenciosos.

4. No entanto, à medida que as contradições sociais se agudizavam em Portugal, que a organização operária crescia e ganhava cada vez maior influência e força (mormente a partir da conquista do dia de oito horas de trabalho e dos seguros sociais obrigatórios em 1919) e que a democracia burguesa parlamentar se revelava incapaz de proporcionar às classes dominantes uma estabilidade político-social que lhe era indispensável no seu processo de extorção das mais-valias produzidas pelas classes trabalhadoras portuguesas, aumentavam também os ataques na imprensa burgueso-republicana às organizações operárias portuguesas e atingia aspectos delirantes a propaganda anticomunista e denegridora da Revolução Russa. Como tentaremos mostrar, há uma larga margem de coincidência entre as «aparições» de Fátima e a propaganda que é feita *das mensagens aos três pastorinhos,* a acção da Cruzada Nun'Álvares e da Confederação Patronal (mais tarde União dos Interesses Económicos) e as deturpações e falsidades sistemáticas veiculadas pela imprensa e a repressão aos trabalhadores, ao mesmo tempo que, a partir dos anos de 1922 e 1923, a imprensa diária fazia a apologia de Mussolini e de Primo de Rivera (como era o caso do republicano *Diário de Lisboa*).

Uma das ideias centrais das «aparições» de Fátima é a da salvação da humanidade da guerra e da revolução, sob o signo da oração e da resignação. Lúcia, uma das três videntes, invoca repetidas vezes a necessidade de salvação da Rússia pela oração e a Cruzada Nun'Álvares, cuja acção já se faz sentir com intensidade em 1920-21, retoma a temática da salvação da Pátria, aliando, sabiamente de resto, as ideias religiosas à defesa dos sentimentos patrióticos, alicerçados no relembrar constante dos valores históricos tradicionais da *portugalidade.*

Muitas vezes, na imprensa diária (quase sempre ligada à banca, como foi o caso, desde os primeiros tempos, do *Diário de Lisboa*), aparecem sistematicamente notícias onde os comunistas e revolucionários russos são apresentados como homens sem princípios, prepotentes e desumanos, grosseiros, desrespeitadores das mais normais regras de boa educação, a par de notícias tão fantásticas que só a prodigiosa capacidade de invenção da burguesia poderia criar; assim, num dos seus números de 1921, o *Diário de Lisboa,* na penúltima página e a três colunas, inseria o seguinte título: «Na Rússia, as mães já podem casar com os filhos.» O mesmo jornal mudou o nome a Natália Sedova, mulher de Trotsky, passando a chamar-lhe Trotskya e mostrando-a como uma terrível, furibunda e até sanguinária revolucionária, capaz de matar este mundo e outro.

Esta visão, muito restrita aliás, da imprensa não abrange, como é óbvio, a acção quotidiana do clero junto dos paroquianos, que deveria por certo multiplicar a acção de propaganda anticomunista e anti-revolucionária feita pela imprensa burguesa. A destruição da família, a imoralidade, a violência sem princípios, o terror da ditadura dos sovietes foram ideias que, longe de se originarem no salazarismo, foram de facto difundidas a partir de 1917, pela imprensa e através de todos os meios possíveis, em pleno período da República democrática.

O anticomunismo e a propaganda contra-revolucionária foram as armas da burguesia capitalista para a criação de uma mentalidade colectiva que permitisse o repúdio das organizações revolucionárias. É um facto que tal esforço de propaganda anticomunista se tornou muito intenso, e sem contraditores legais e possíveis, a partir do começo da fascistização do regime saído do golpe militar de 1926. A verdade, porém, é que os desejos de ordem e de respeito pela lei (criada, como é óbvio, pelas classes dominantes), os constantes apelos à estabilidade do regime republicano e à conservação de uma ordem democrática não perturbável pela luta dos trabalhadores são, no fundo, uma outra face, também ela anticomunista e anti-revolucionária, da propaganda na imprensa, no Parlamento e nos comícios da burguesia republicana no poder.

Cunha Leal, um dos «chefes» quase incontestáveis de algumas campanhas da oposição ao regime salazarista, chegou a propor, *no Parlamento democrático,* no início dos anos 20, a pena de morte para os delitos sociais, isto é: para as manifestações de violência operária, na maior parte das vezes actos de pura resistência à violência da exploração capitalista.

A partir de 1922 e de 1923, com a subida ao poder, respectivamente, de Mussolini e de Primo de Rivera, são constantes os apelos na imprensa portuguesa «a um salvador da Pátria», elogiando-se os benefícios que aqueles ditadores trouxeram à Itália e à Espanha. Numerosas entrevistas com fascistas italianos [3] e com espanhóis são publicadas na imprensa diária portuguesa, ao mesmo tempo que se tornam cada vez mais frequentes as atitudes antioperárias e de autêntica denúncia policial, quando o movimento grevista ou de protesto alastrava, ou a intransigência das organizações operárias se manifestava de forma mais veemente.

ANEXO

RESUMO E INVENTARIO DA IMPRENSA

Outubro de 1917

Dia 1

O Século: refere Kerensky como o «ídolo do povo».

A Luta: em artigo intitulado «A anarquia russa — A obra de Lenine» afirma que Lenine manda fazer notas falsas de 10 e 20 *kopecks,*

[3] D'ANNUNZIO e outros fascistas são entrevistados por António FERRO para o *Diário de Lisboa.*

onde está impresso um apelo à revolta, e as distribui entre a população e tem «apóstolos germânicos com máscara russa», os quais são Nakamkis Stekloff, Himmer Sukorov, Rosenpala Kamenev, Appelbaeen Zinoviev.

Dia 3

República: refere o Partido Maximalista como «o partido da anarquia e da derrota».

Dia 6

A Monarquia: «O Soviete contra Kerensky.» Em artigo intitula Kerensky de ditador.

Dia 11

Diário de Notícias e *A Manhã:* noticiam que Kerensky envia saudações a Norton de Matos pelo aniversário da implantação da República Portuguesa e que Norton de Matos responde agradecendo e saudando também a República Russa.

Dia 12

A Manhã: «Homenagem da Rússia — No Ministério dos Negócios Estrangeiros recebeu-se ontem um telegrama comunicando que o ministro dos Estrangeiros da Rússia fora apresentar, em nome do Governo daquela nação, os seus cumprimentos ao ministro de Portugal em Petrogado, por ocasião do 7.º aniversário da República Portuguesa. É a primeira vez que por tal motivo a Rússia cumprimenta o nosso ministro, o que se explica por se dar agora entre os dois países a igualdade de fórmulas constitucionais.»

Dia 15

A Luta: em artigo intitulado «Socialismo revolucionário e guerra» trata duma polémica entre o socialista holandês André Corneliessen e o socialista francês Longuet, «genro do socialista pan-germanista Karl Marx», e cita uma resposta de Corneliessen referindo que a França é a guarda avançada da democracia e que os verdadeiros revolucionários lutam contra a autocracia prussiana. O articulista de *A Luta* termina dizendo que isto é uma resposta clara e firme «aos que lêem pela cartilha de Lenine e outros suspeitos revolucionários que pregam a confraternização com os socialistas do Kaiser».

Dia 22

A Manhã: notícia da abertura solene do anteparlamento de Kerensky.

Dia 23

República: no artigo «Rússia nova» faz a apologia de Kerensky.

Novembro de 1917

Dia 6

O Século: Kerensky é referido como «grande revolucionário».
Diário de Notícias: «Ordem de prisão contra Lenine.»

Dia 7

O Século: refere que as manifestações na Rússia, neste momento, são perigosas porque «há elementos suspeitos que preparam ou desejam um movimento de rebelião».

Dia 8

A Manhã: «Nomeação do novo representante para Portugal.»

Diário de Notícias: «Em Petrogrado a agitação maximalista atinge carácter grave.»

República: «Situação política da Rússia — O que pode o anteparlamento — A reorganização nacional pela cooperação das classes operárias e da burguesia — Os esforços desesperados dos maximalistas.» (Não se antevê a revolução.)

Dia 9

O Século: refere que o País está convulsionado.

Diário de Notícias: «Petrogrado nas mãos dos maximalistas.» A notícia dá a entender que não houve desordens.

A Manhã: «O caos na Rússia» — Os maximalistas senhores da situação — 30 feridos nas desordens.»

O Dia: em artigo de primeira página, intitulado «A Rússia 'emancipada'», ataca-se Kerensky e os republicanos («jacobinos») e apelida-se Afonso Costa de «uma miniatura em barro do Largo do Intendente» (comparação com Kerensky).

Dia 10

República: «A tragédia russa — O Novo Acto — Os maximalistas senhores da situação.»

Diário de Notícias: «Os maximalistas russos prendem o Governo.»

A Manhã: «O tumulto russo.» «Toda a cumplicidade com Kerensky, crime de alta traição.» «O golpe de estado a favor de Lenine foi dirigido pelo jornalista Trotsky [...]» «[...] consideram-no um fanático encarniçado.»

O Século: «A alma da nova revolução que acaba de estalar na Rússia é Trotsky.» Exalta-se aqui Kerensky por ter lutado pela causa dos aliados, apelida-se o Governo Soviético de demagógico e o programa de Lenine de utópico. Cita-se o *Daily News:* «Petrogrado não é a Rússia, é, quando muito, o quartel-general das influências alemãs», e o *Times,* que afirma que a voz que se ouve não é a da verdadeira Rússia, pois essa nunca faria uma paz separada.

O Mundo: em artigo de primeira página, assinado por Reynaldo, com o título «De Rasputine a Kerensky: falando com Mr. Theojan Petrov», refere-se à grandeza de Kerensky. Nas páginas interiores pode ler-se: «A revolução na Rússia — Contra a causa da civilização e da liberdade — Os agitadores sacrificam a sua pátria cooperando na causa dos Alemães.»

O Dia: em artigo de primeira página, encabeçado com parangonas, «O cataclismo russo», afirma que o movimento maximalista põe em causa coisas elementares como a ordem e a propriedade, defende que o mal da Revolução Bolchevique é consequência do movimento republicano de Kerensky e da sua política de intensificação da guerra e conclui que, por causa da República, ainda havia de sobrevir em Portugal um regime dos sovietes.

A Luta: na secção da primeira página «Lá por fora», Júlio Gomes mostra as vantagens que tem a Alemanha em fazer a paz com a Rússia, duvidando-se que a paz consolide a Revolução e que os sovietes se mantenham muito tempo no poder.

Dia 11

República: «Reacção contra o maximalismo? Os 'sovietes' contra os 'nacionalistas'.» Neste artigo afirma-se que os sovietes de toda a Rússia, reunidos em congresso, votam desaprovação aos maximalistas. Há ainda um título, «O misterioso Lenine», onde se faz referência ao seu passado.

O Século: em artigo nas páginas interiores diz que os maximalistas são a extrema-esquerda; a encabeçar o mesmo artigo: «Consta serem os sovietes contra os maximalistas.»

A Capital: publica parangonas, «A contra-revolução na Rússia», para um artigo de fundo que dá um apanhado dos vários telegramas recebidos e cita o *Daily Telegraph,* onde se diz que as tropas ao serviço dos

maximalistas são as mais indisciplinadas e menos dignas de confiança e que a única razão que as levou a tomarem parte no movimento foi não quererem ir para a guerra.

A Manhã: numa apologia fervorosa de Kerensky pode ler-se: «foi grande, foi enorme! [...] foi então o milagre, o sol da Rússia, e foi-o justamente [...] A *Pravda,* órgão dos maximalistas, pregava as teorias alemãs [...]» Exalta a frase de Kerensky «Eu proíbo-vos, homens da Rússia, de não ter confiança em mim!» e continua: «Foi o Cristo [...] Um dia, Kerensky falava às tropas. Sobre as cabeças dos ouvintes e do orador rebentavam granadas. Um soldado adiantou-se e bramou:

— A ofensiva significa a morte. Que precisamos nós mais que terra e liberdade?

... Kerensky bradou:

— Camarada! É preciso...

Mas uma voz interrompe:

— Inútil insistir! Conclua-se a paz o mais rápido possível.

... Kerensky brada então:

— Falo eu, ministro da Guerra! Coronel, tome esse homem e risque-o do exército. É um cobarde indigno da terra russa... Vede, vede bem como esse covarde se afunda, se afunda à sua cobardia.

Kerensky repetia a palavra *cobarde* em espécie de frenesim.

O soldado ouvia a apóstrofe como parvo. De súbito, sem uma palavra, sem um gesto, sucumbiu fulminado aos pés de Kerensky. A besta fora vencida pela ideia: a revolução firma-se sobre a anarquia.»

E mais adiante, ainda sobre Kerensky: «o povo entrega-lhe o oiro para a ofensiva. A cada um, Kerensky, o apóstolo, tem uma frase apropriada.»

Seguem-se notícias do tipo: «Kerensky fugiu», «Kerensky foi preso» e a redacção termina: «Senhores! Senhores! Por muito que a história nos ensine e por muito que os acontecimentos tenham perdido a faculdade de surpreender, o novo golpe da Rússia assombra-nos, mas não nos tirou a fé. Podem os telegramas gemer cataclismos e preanunciar o fim de toda a justiça. Nós continuamos a confiar. Kerensky não fugiu, Kerensky não foi preso, Kerensky continua a estar no coração de Petrogrado. É que as ideias, como os sóis, reaparecem desfeitas as nuvens. Kerensky deixou há muito de ser um homem. É uma ideia.»

Existe ainda outra notícia: «O tumulto russo — Os maximalistas contrariados por todos os sovietes.»

Dia 12

O Século: insere um artigo que afirma estar o grosso da infantaria com os sovietes, sendo-lhes a cavalaria e a artilharia desfavoráveis. Citando o *Daily Telegraph,* refere os maximalistas como «esse punhado de energúmenos políticos antinacionais que estão fora da lei».

A Manhã: «o soviete central pôs-se ao lado da nova revolução» e «grupo sinistro de Lenine».

Portugal: acusa Kerensky de ter tido demasiadas hesitações porque o seu radicalismo era de oratória, e não de facto, e por isso surgia a nova revolução. «a tragédia russa [...] tenhamos porém esperança em que se remedeie o mal.»

O Liberal: acha os telegramas excessivamente contraditórios para se poder tirar qualquer conclusão e afirma que, embora não seja partidário de Kerensky, espera que o movimento nacionalista não traga coisas nefandas para a causa do «Direito» e da «Justiça».

A Monarquia: dá as primeiras notícias da Revolução e escreve: «o novíssimo desgoverno ... o ideal bolchecosky, contido no artigo 2.º do programa ('Divisão das terras entre os camponeses'), visa ao estabelecimento imediato do regime anarquista preconizado por Kropotkin na *Conquista do Pão* [...] teremos que finalmente as pessoas, ainda ignorando a lamentável história da experiência anarquista-comunista de Saint-Germain, vão assistir à implantação do ideal

supremo dos nossos bons e puros democratas de princípios, à implantação da Anarquia com um A maiúsculo...

Fôssemos nós um belo dia aplicar a pura, a autêntica doutrina democrática, bastava um só principiozinho: o da soberania do povo, obrigar as camadas mais numerosas e menos cultas da sociedade a intervir nos negócios do Estado, mandando no Presidente, nos ministros, nos generais, e então é que era ver! Trambulhava tudo para o charco num abrir e fechar de olhos!»

Dia 13

Diário de Notícias: «Os maximalistas derrotados em Petrogrado e Moscovo» e «rompeu a luta entre os maximalistas [...]».

A Manhã: «Em Petrogrado começou a luta contra os maximalistas.»

O Século: refere que os dias dos maximalistas estão contados e apelida-os de «anarquistas germanizados».

O Mundo: na secção da primeira página «Crónica da guerra», de José do Valle, afirma-se que Kerensky é um revolucionário autêntico, animado pelo amor à pátria, e que em breve irá repor os princípios revolucionários, abalados por aqueles que, querendo tudo, não conseguem nada.

Dia 14

O Século: «O ouro alemão auxilia o golpe maximalista.» Refere como antecedente do movimento maximalista uma reunião havida em Copenhaga «entre agentes da Alemanha e agentes de Lenine».

Portugal: «A revolução maximalista é o produto da propaganda alemã enxertada no optimismo dos aliados.» Diz ainda que aconselhar os operários a apropriarem-se das fábricas era destruir a vida industrial da Rússia, não zelar pelo bem-estar do operariado. Fala nas «palavras mentirosas de Lenine».

O Mundo: novamente José do Valle apelida os chefes maximalistas de pseudo-revolucionários russos ao serviço dos Alemães, afirmando que a distribuição das terras é um engodo.

Dia 15

O Século: acerca da tomada da escola de cadetes, o articulista defende-os e afirma que muitos prisioneiros foram levados para a Fortaleza de Pedro e Paulo e lançados ao rio Neva.

O Mundo: «Ainda a Revolução Russa», de J. do Valle, onde se cita a afirmação de Plehkanov de que os mentores do golpe bolchevique não fizeram outra coisa senão «realizar o programa mínimo do imperialismo alemão».

Diário de Notícias: «Kerensky derrotado?» De Londres: «o exército revolucionário derrotou completamente as forças contra-revolucionárias de Kerensky e Korniloff.» E, de forma elucidativa em relação a um certo tipo de atitudes perante os factos: «O nosso correspondente em Madrid enviou-nos uma comunicação sobre o mesmo assunto, em que se dá notícia da vitória dos maximalistas. Julgamos, porém, e outros telegramas que publicamos a isso nos autorizam, que houve um erro de tradução e que, portanto, os maximalistas saíram derrotados.» Os telegramas em causa viriam de Estocolmo e Londres e diriam: «Ditadura de Kerensky, Korniloff e Kakdine», «Toda a Rússia, à excepção duma pequena parte de Petrogrado, está agora nas mãos do Governo», «Os Alemães já não querem a paz separada» e «Parece que os Alemães têm certa repugnância em tratar como iguais indivíduos pagos por eles, como Lenine e Trotsky».

Dia 16

República: «Kerensky senhor da situação. Lenine preso.»

A Manhã: «Kerensky triunfa, Lenine foi preso.»

Portugal: artigo do estilo «Kerensky— o maior vulto da Rússia moderna, vencedor ou vencido, o seu nome refulgirá na história».

O Século: «O ouro alemão distribuído entre os maximalistas.»
O Mundo: J. do Valle responde a um leitor de 20 anos «mostrando» que a distribuição das terras é impossível porque nem os grãos-duques russos nem a Alemanha o permitiriam. O redactor termina dizendo que também já teve 20 anos.

Dia 17

O Século: «Uma hecatombe em Moscovo.»
República: Trotsky é referido como o chefe da insurreição e o artigo termina: «Os russos que o conhecem bem atribuem-lhe qualidades de um fanático retinto.»
A Luta: na secção «Lá por fora», J. Gomes afirma que na Rússia se joga «à cabra-cega com a navalha na mão». Acha a Rússia, no entanto, capaz de consolidar a sua revolução, embora «excessos de terrorismo anárquico» possam trazer o perigo do restauro do império.

Dia 18

A Manhã: «Os ferroviários contra os maximalistas.»
O Mundo: na primeira página, Henrique de Vasconcelos afirma: «Russos contra russos num combate fratricida é pela Alemanha que morrem.»

Dia 19

A Manhã: «O horror na Rússia.»
A Capital: «Os maximalistas, ao que parece, terão de render-se pela fome.»
O Século: afirma que os maximalistas se salvaram pela sangrenta repressão que fizeram em Petrogrado.
O Mundo: José do Valle é peremptório: «Lenine é tresloucado.» Lembra ainda que Kerensky é o verdadeiro revolucionário porque derrubou o czar e, portanto, os maximalistas são contra-revolucionários. E termina: «Na obra agora realizada na Rússia contra Kerensky há um grande e misterioso crime que os Alemães devem conhecer [...]»

Dia 21

Diário de Notícias: «Na Rússia, Kaledine propõe-se restaurar a monarquia.»
República: nova apologia de Kerensky: «Quem tem fé na Rússia da Revolução, que não é a Rússia dos assalariados da Alemanha... não pode crer no desaparecimento de Kerensky.» «[...] Kerensky é hoje um símbolo. A gente vê nele a salvação da Rússia democrática. Pois se ele desaparecesse, que seria? Não. Confiemos. Kerensky vive e há-de vencer para que a nossa Rússia não se perca.»

Dia 22

O Século: «A tragédia russa.»
O Mundo: H. de Vasconcelos: «a febril ansiedade em possuir a perfeição política e social produzira a anarquia.»
A Monarquia: afirma que a doutrina social maximalista passa por Gorki, Tolstoi e Kropotkin e toma a decisão radical de, perante os acontecimentos, se manter silencioso...

Dia 23

O Século: «A catástrofe russa.»
República: «A fome triunfadora.»
A Manhã: «A América e a Rússia — Aquela, enquanto dominarem os bolcheviques, não exporta géneros para a Rússia.»
O Mundo: «Os extremos», artigo onde se tece um largo louvor a Kerensky e se critica a sua falta de firmeza, referindo que ele devia ter instituído a pena de morte para salvar a Rússia da anarquia. Termina ironicamente dizendo que uma das primeiras medidas dos maximalistas foi restaurar a pena de morte.

Dia 24

A Luta: refere que os maximalistas só governam em Petrogrado.

O Século: «[...] Como os maximalistas fazem o jogo alemão — Lenine e Trotsky personagens suspeitas alicerçadas no terror — Os maximalistas sob as ordens de oficiais boches — A fome em todo o país.»

Diário de Notícias: «A embrulhada política — Os socialistas revolucionários da esquerda não atendem o pedido de Lenine para fazerem parte do Governo. Resistem em reclamar a coligação ministerial de todos os partidos socialistas e exigem o fim do terror político, o restabelecimento da liberdade da imprensa e que Lenine e Trotsky fiquem fora do governo.» «O número de partidos políticos que existem actualmente na Rússia eleva-se a dezanove.»

Dia 25

O Mundo: «A Rússia escrava», artigo onde se refere a Rússia como coutada alemã, com oficiais alemães a dirigirem o exército. E termina: «a Rússia, que se libertara, estendeu de novo os pulsos às algemas que os Alemães lhes chumbam por intermédio dos maximalistas.»

Dia 26

O Século: «A traição maximalista — A Rússia em mãos alemãs.»

O Mundo: J. do Valle defende «a indispensável ditadura revolucionária de Kerensky» e refere «a traição de Lenine, que a esmagou».

República: dá notícia de que um cidadão americano, ao regressar da Rússia, afirmava: «Os cossacos são talvez o único elemento capaz no antigo império moscovita — Muita areia e pouco cimento.» Os cossacos seriam o cimento.

Portugal: tem-se que o novo estado de coisas é «consequência do desvairamento dos utopistas» e que «nunca o egoísmo materialão e rasteiro teve, através dos séculos, uma hora tão sua [...] a Rússia desceu até ao atoleiro [...] a lógica das revoluções — há-de ser ela, lei implacável e iniludível, que há-de destronar Lenine. E a Rússia regressará à luta e à liberdade». Chama-se, além disso, libertários aos bolcheviques e «louco ou homem sem escrúpulos» e «vendido» a Lenine.

Dia 27

Diário de Notícias: «A anarquia no alto comando russo.»

O Século: «As coisas russas vão de mal a pior.»

O Mundo: J. do Valle mimoseia Lenine com os epítetos de «miserável» e «traidor» que põe oficiais alemães a comandar soldados russos.

A Luta: artigo de primeira página com o título «A Rússia», da autoria de Brito Camacho. Friamente, refere que a paz com a Alemanha só traz vantagens para este país, analisa o tratado assinado pela Rússia em Londres em 1914, afirmando que já não há uma identidade entre as pessoas que assinaram o tratado e as pessoas no poder depois da Revolução, e termina dizendo que a vitória pertence aos aliados.

Dia 28

Diário de Notícias: «Washington — Consta aqui que Lenine e Trotsky não poderão conservar o poder durante muito tempo e espera-se a sua queda.»

A Luta: «Cartas de França — A paz dos sovietes (do nosso correspondente particular, Georges Géville)»: a notícia de paz e das suas condições é recebida de Berlim, o que enfurece o articulista, afirmando ele que, como a França «entrou na luta para defender o povo russo», deviam ter sido os aliados os primeiros a serem informados. Refere, no entanto, que este procedimento não espanta, porque quem está no poder na Rússia são os agentes da Alemanha.

Dia 29

Diário de Notícias: «Trotsky demitido.»

A Capital: refere Lenine e Trotsky como «dois cidadãos assalariados pela Alemanha» e Lenine ainda como «este indivíduo e a sua quadrilha de traidores e loucos».

Dia 30

República: «A *entente* vai intervir? Diz-se que sim.»
Diário de Notícias: «Protesto da colónia russa em Lisboa.»
Portugal: «A traição russa», a propósito do telegrama de protesto da colónia russa: «A colónia russa de Lisboa protesta contra as violências dos bolcheviques, provocando a guerra civil no país, desmoralizando os combatentes, traindo assim a pátria, a aliança, a democracia do mundo e entregando a Rússia livre aos inimigos da liberdade e da paz.

Este telegrama honra os nossos residentes em Lisboa [...] [a Rússia] está correndo para o triunfo do militarismo e do despotismo [...] e quando a livre América vem em seu auxílio, a Rússia abandona-a aos aliados [...] o crime da Rússia é mais monstruoso do que o crime premeditado na Alemanha. Porque o traidor é mais criminoso do que o bandido.» Refere por fim: «As eleições dão a maioria aos maximalistas.»
A Sementeira (revista): «Os socialistas na Rússia», artigo onde se fala, a traços largos, da Revolução e se enaltece nomeadamente Kropotkin, Tolstoi e Bakunine.

Dezembro de 1917

Dia 1

A Manhã: «Os camponeses não querem reconhecer o governo maximalista.»
Diário de Notícias: «A anarquia do exército — Um simples soldado foi nomeado comandante das tropas da região de Moscovo, um alferes e um aspirante vice-comandantes, um aspirante intendente-geral, dois alferes inspectores de artilharia e engenharia.»
O Mundo: em artigo de primeira página, Tomás da Fonseca afirma que antes do golpe maximalista existia uma certa legalidade encarnada em Kerensky e que se traduzia na existência da Duma, de um governo, de tribunais, etc. Hoje nada disto existe. Diz, mais, que anos atrás ainda poderia aceitar o movimento maximalista, mas que a primeira guerra mundial veio alterar essa possível atitude.

Dia 3

O Século: refere um artigo do «eminente romancista Gorki insultando Lenine, seu companheiro e amigo de ontem», e informa que os bolcheviques incendiaram a casa de Tolstoi.
O Mundo: a propósito da constituição do Governo russo assinala: «Na Rússia, um governo do tamanho da légua da Póvoa.»

Dia 5

O Século: a propósito da paz: «A eterna ária do senhor Trotsky.»

Dia 10

Diário de Notícias: «O papa não reconhece os maximalistas.»

Dia 11

Diário de Notícias: «Os maximalistas saqueiam o banco de Petrogrado» e «As eleições — Embora sejam ainda imcompletos os resultados definitivos das eleições à Constituinte, confirma-se que os maximalitas não conseguirão obter maioria. Por conseguinte, os chefes maximalistas declaram que o Governo proibirá a Assembleia de funcionar, ainda que seja composta de socialistas revolucionários e de cadetes.»

Dia 12

O Século: «Lenine senhor soberano — Lenine recusou-se a dar conta dos seus actos ao Soviete, dizendo que essa obrigação constituiria um preconceito.»

Dia 13

A Luta: «Correspondência de França (cont.) — Os Russos traíram a causa dos aliados, entre outras coisas», e cita Lenine como o «homem da Alemanha.»

Dia 14

O Século: «A avó da Revolução novamente perseguida» (Brescho Breschkaowskaia, octogenária e amiga da revolução de Fevereiro e de Kerensky).

O Dia: em artigo de primeira página intitulado «Salada portuguesa», identifica ironicamente a situação russa e a situação portuguesa, nomeadamente: o czar Bernardino Machado, a Duma São Bento (ambas dissolvidas), Machado Santos o «Kerensky da Rotunda».

Dia 15

Diário de Notícias: «Na Rússia, os Ingleses e Japoneses auxiliam a contra-revolução.» «Uns 50 deputados social-revolucionários e cadetes tiveram no Palácio Tamide uma certa reunião e resolveram adiar para uma data ulterior a abertura da Constituinte. Os maximalistas anunciaram que impedirão novas reuniões.»

Dia 16

O Século: «Os bolcheviques favoráveis à monarquia constitucional.»

Diário de Notícias: «Os cossacos contra Lenine.» «A guerra civil.» «Os cossacos derrotados pelos maximalistas.»

Primeiro de Janeiro: transcreve o apelo de Kerensky ao povo russo.

República: «Os crimes da indisciplina.»

Dia 17

República: fala de Lenine: «o fanático agitador, chefe da política bolchevique [...] e pêra sedosa, cuidada, que lhe dá um ar de mosqueteiro ou... de cabeleireiro parisiense... é um fanático. A sua razão ignora a realidade.»

A Capital: afirma que Trotsky ameaça com a guilhotina.

Dia 18

Diário de Notícias: «O russo Trotsky ameaça com a guilhotina — Ressuscitando a Revolução Francesa — O *comité* executivo central do Soviete de Petrogrado aprovou, por 158 votos contra 104, um decreto declarando os cadetes inimigos do povo.» «Trotsky declarou aos membros das minorias o seguinte: Estais perturbados pelo terror moderado que aplicamos agora às classes inimigas, mas sabei que dentro de um mês o terror terá uma forma mais terrível: em vez das portalgas será a guilhotina.» «O congresso dos camponeses declarou criminosos os atentados contra os direitos da Constituinte.» Noutra notícia: «Lenine é um fanático.»

A Montanha: «Na Rússia — Conversa entre um jornalista português e um acérrimo partidário do maximalismo.» Ao longo da entrevista, o maximalista afirma que o seu partido deseja a paz, que os seus aliados são os operários do mundo e que a revolução mundial está iminente. Ao deixar a casa onde decorria a conversa, o entrevistador exclama: «pareceu-me então um manicómio. Deixei o terrível homem entregue à sua fantasia e à sua fé. E tremi ao pensar que hoje na Rússia há daquela laia alguns milhares.»

Dia 21

Diário de Notícias: «Anarquizando a marinha — [...] o pessoal dirigente será substituído por organizações eleitas — Foi abolido o posto de almirante.»

Dia 22

Primeiro de Janeiro: «doidos soltos pela mão de Lenine [...] estado anárquico.» «Aos cadetes — os girondinos da Revolução Russa — desejamos ventura [...]»

Dia 23

A Capital: publica declarações de Gorki não apoiando os maximalistas (ver *Primeiro de Janeiro* do dia 25).

Dia 24

A Manhã: «Gorki e o golpe de estado» (do *Matin*): «[...] Há muito tempo que nos tinham avisado que os 'bolcheviques' preparavam um terrível golpe. 'Cautela com os bolcheviques', escrevia o *Rouss* em 2 de Novembro, 'roubarão todos os bancos.' 'Cuidado com os bolcheviques', exclamava o *Jovoie Slovo,* 'saquearão as casas dos burgueses' [...] os 'bolcheviques' passaram a ser considerados como uma espécie de papões... Pensa-se que do novo acto resultará o paraíso terrestre... Trotsky e Lenine enganam-se, segundo Gorki... [este] nos últimos tempos, nunca consentira receber um representante dum jornal 'burguês'. Ignorava a minha qualidade. Sem hesitação, sem remorsos, aproveitei-me traiçoeiramente dessa circunstância inesperada.» Segue-se a entrevista (ver *Primeiro de Janeiro* do dia 25). «[...] Todas estas palavras do grande evangelizador acrata têm um interesse sensacional, porque, além do mais que afirmam, dão a nota de instabilidade social da Rússia. Mas o que é supremamente de espantar é que Gorki chegue a ligar uma tal significação à palavra *anarquia* — que parecia dever ser sempre exaltada na sua boca de libertário clássico.»

Dia 25

Primeiro de Janeiro: «O enviado extraordinário que o *Matin* mandou a Petrogrado procurou Máximo Gorki, que, adivinhando a missão que o levava ali, disse logo:

— Estão doidos!

— Então — disse o enviado francês — o seu jornal *Navoia Jinj* não apoiará o grupo Trotsky?

— Não. Eu e os meus amigos sempre nos opusemos a um golpe de estado, ninguém deve assenhorear-se do poder pela violência. Trotsky e Lenine tiveram um triunfo fácil. Imaginam que o seu movimento é uma prova da aprovação das massas. Ora não é assim! Estão isolados os homens que, sem me consultarem, assumiram o poder. Estão perdidos se em volta deles não se reunir toda a democracia russa. Não esperem governar sós. Serão banidos pelo primeiro movimento de descontentamento popular e o país cairá na anarquia.»

Assim falou o famoso escritor revolucionário.

Dia 26

A Monarquia: «retirada vergonhosa das linhas de batalha [...] guerra civil [...]»

Dia 27

O Século: «As ruas de Petrogrado há muitos dias regadas de sangue.»

Dia 29

A Capital: «A prisão do escritor Máximo Gorki.»

O Século: «Diz-se que altos oficiais servem de carregadores e outros duros ofícios e que numerosos funcionários municipais foram desempregados pelos sovietes.»

Diário de Notícias: «Imitando a França de 93 — Os Russos não celebram este ano a festa de Natal [...] novo calendário [...] sem Páscoa nem Natal.»

Dia 30

O Século: «Lenine ordena a prisão de Máximo Gorki.»

Dia 31

Diário de Notícias: «O governo maximalista ameaça [...] o governo maximalista publicou uma proclamação declarando que reprimirá com as armas qualquer manifestação.»

A Manhã: «Kerensky tomará parte nos trabalhos da Constituinte.»

A Sementeira de Dezembro (revista): «O momento russo»; refere «grandiosos acontecimentos russos» e cita Bóris Souvarine: «é de recear que para Lenine e seus amigos a ditadura do proletariado deva ser a ditadura dos bolcheviques e do seu chefe.» A terminar, pergunta se a Revolução partiu da base, afirmando que só essas vingam.

Janeiro de 1918

Dia 5

A Luta: «A Rússia... tendo começado por fazer uma revolução à maneira francesa, acabou por fazer uma desordem à maneira de mil diabos.» Afirma que é necessário restabelecer a ordem no caos russo.

Dia 7

A Manhã: «O trigo da Rússia», artigo onde o autor se mostra horrorizado por ter conhecimento de que a Rússia vai fornecer trigo à Alemanha.

O Século: «O exemplo da Rússia», artigo em que Augusto de Castro foca essencialmente o falhanço das negociações de paz, as desordens, a fome, os assaltos e a prisão de Gorki, acusa os revolucionários russos de utópicos e Lenine de agente de Berlim e afirma que a Rússia, querendo evitar a guerra, caiu numa anarquia revolucionária. Termina o artigo dizendo que a Rússia se suicidou.

Dia 8

O Primeiro de Janeiro: «A Rússia traída», de Serge Peesky, traduzido da *Gazette de Lausanne.* «Guarda Vermelha... ladrões, falsários, escória da sociedade, eis o famoso corpo de Lenine.» «O sinistro 'bando de Bonnot', Lenine, Trotsky e companhia, reina pelo terror. Ele persegue em Petrogrado tudo o que parece ser da classe burguesa. Ninguém ousa trazer pelissas, chapéus ou colarinhos. Nos *tramways* é a plebe e os soldados que ocupam os lugares. Os burgueses e os oficiais ficam de pé [...]»

Dia 12

O Primeiro de Janeiro: «A Rússia traída (cont.) — Desde há seis meses, com os milhões fornecidos pelos Alemães [...] uma intensa propaganda pacifista-anarquista [...] esses *meneurs* nada têm a perder e têm tudo a ganhar. Eles podem bem prometer a partilha das terras, a nacionalização das casas, a confiscação das fortunas privadas e outras belas coisas ainda. Que arriscam eles, pois que não possuem nada?»

Dia 14

O Século: «O caos moscovita» (os anarquistas contra os bolcheviques). Refere ainda o armamento dos operários e a dissolução dos tribunais.

Dia 15

A Capital: notícia extensa de primeira e segunda página, com o título «O assassínio de Dukhonine», onde se descreve a turba violenta que ameaçava o general, a intenção de Krilenko, que não os consegue deter, e as suas palavras quando o general é morto: «A todos nós sucederá o mesmo, a mim, a Lenine, a Trotsky e a Kamenev. Estes selvagens não deixarão com vida a nenhum de nós.»

Diário de Notícias: «Carta de Paris do correspondente particular do *Diário de Notícias* — O que pensa um socialista russo em Paris sobre os maximalistas de Petrogrado.» Passagens do artigo: «No *hall* do Hotel Continental, entre uma chávena de chá e um *grog* [...] o traidor Lenine [...] os delegados maximalistas russos são absolutamente grosseiros: um soldado e um marinheiro que apenas sabem ler [...] o príncipe da Baviera já declarou publicamente que não queria entabular relações com esses delegados russos. Julga-os mesmo inferiores aos seus criados. A 'guarda vermelha' [...] são apenas uns criminosos [...] os 'bolcheviques' [...] esses *mujiks* e soldados bêbados [...] queimam as bibliotecas, espatifam tudo. Assassinam os professores primários, as parteiras, os estudantes, porque são intelectuais, sabendo ler e escrever e podendo por isso enganar o pobre povo! Toda a gente que usa colarinho, camisa branca, botas e sobretudo lunetas é considerada como fazendo parte da 'burguesia' e é perseguida a tiro...

Lenine recebeu importantes somas de Berlin. Esse desgraçado vivia na Suíça sem um cêntimo. E, quando partiu de Zurique e tomou na fronteira alemã o comboio especial que atravessou a Alemanha e o conduziu à fronteira russa, levava na sua carteira mais duzentos mil marcos que ele depois trocou em Petrogrado por dinheiro russo. É um traidor com a monomania das grandezas.»

Dia 19

Diário de Notícias: «O terror — Parece que o atentado contra Lenine foi cometido por uma mulher, que conseguiu fugir, ignorando-se quem seja.

Trata-se do começo duma agitação terrorista, resolvida por alguns grupos de socialistas revolucionários.»

Dia 20

Diário de Notícias: «Os maximalistas contra a Constituinte.»

A Manhã: «Os maximalistas atacam o cortejo que se segue para defesa da Constituinte.»

Dia 22

A Manhã: refere que os maximalistas e os socialistas revolucionários de esquerda abandonaram a Constituinte.

Dia 23

A Manhã: «Foi dissolvida a Constituinte.»

Diário de Notícias: «Os maximalistas dissolvem a Constituinte.»

Dia 24

A Manhã: «O braseiro russo.» Refere que dois ministros que estavam doentes foram mortos pelos marinheiros.

Diário de Notícias: «Contra o 'Tsar' Lenine I.» «Comité executivo do conselho pan-russo dos camponeses — As ruas de Petrogrado foram ensanguentadas pelos guardas vermelhos, às ordens do 'Tsar Lenine I' e desmente que os manifestantes fossem burgueses e contra-revolucionários.»

Dia 25

Primeiro de Janeiro: traça uma biografia de Lenine onde claramente denota espanto e incompreensão pelo marxismo-leninismo.

Dia 26

O Século: «Lenine não pode ver Trotsky.»

A Luta: afirma que as coisas na Rússia vão na mesma porque não podem ir pior.

Dia 28

A Pátria: afirma que a razão por que a Rússia se desorganiza é o facto de se estarem a formar novas repúblicas (Turquestão, Ouja, etc.).

Dia 29

Primeiro de Janeiro: «grupos anarquistas, dispondo de quase doze mil homens armados, continuam a preparação para lançar mão do poder, abatendo os maximalistas.»

Dia 30

Diário de Notícias: «Os maximalistas dissolvem o Congresso dos Camponeses.»

Dia 31

O Século: «O caos russo.» Aponta que a anarquia é completa e que os maximalistas fuzilam os seus por engano.

A Sementeira de Janeiro (revista): «A nova grande revolução.» Ataca a imprensa burguesa nas afirmações que faz acerca da Rússia, apelidando-a de deturpadora, confusa e contraditória. Adverte que o delírio da violência e os excessos podem ferir a Revolução pelos seus melhores filhos e «poderá depois sobrevir-lhe a reacção».

Fevereiro de 1918

Dia 7

A Luta: «A Rússia trágica — Tumultos provocados por falta de pão.»

Dia 8

Diário de Notícias: «A confiscação dos bens religiosos — Os frades resolveram proclamar a guerra santa contra os maximalistas.»

Dia 9

A Luta: um artigo que refere as dificuldades que a Rússia tem em fazer aceitar os seus embaixadores, pois as potências estrangeiras conservam os de Kerensky, «homem de notáveis aptidões que se deixou embriagar pelos fumos do poder».

Dia 16

República: «A barafunda russa.»

Primeiro de Janeiro: «[...] Lenine e demais energúmenos do maximalismo [...] A Rússia é hoje um caos [...] a ignorância do povo; a loucura que se apoderou dos soldados, dos operários e trabalhadores do campo, a quem uns utopistas delirantes disseram:

— Sereis como Deuses!

Os palavrosos sempre enganaram com facilidade as turbas.»

Dia 19

República: «A decomposição russa.»

Dia 22

O Século: «Entretanto na Rússia a confusão e a carnificina aumentam.»

Dia 23

Diário de Notícias: informa que Lenine e Trotsky foram destituídos pelos socialistas revolucionários.

A Capital: «A morte moral e social da Rússia», artigo onde se diz que a Rússia cometeu um crime ao violar um tratado e dificultar a missão dos aliados, sucumbindo, além disso, às condições de paz dos Alemães e manchando o solo pátrio com crimes, pilhagens, saques, roubos, etc.

Dia 25

A Manhã: em artigo de primeira página, opiniões de Gorki como a necessidade da aristocracia dentro da democracia e ainda «o maximalismo de facto, o interesse anarco-comunista dos iluminados, esse é nefasto para a Rússia e para a classe trabalhadora». O artigo termina dizendo que Gorki foi preso.

Dia 27

A Manhã: artigo de Mayer Garção em que este afirma que a causa da ruína da Rússia não foi a queda dos Romanoff, mas sim os maximalistas. E ainda: «as ideias socialistas com o aspecto maximalista ainda não têm possibilidade de reger as sociedades humanas» (cita a Comuna de Paris como exemplo de fracasso). Ao lado deste artigo e encimada por grossas letras, «Em foco», vê-se uma fotografia com a legenda: «Catherine Bresh Kovskaia, a avó da Revolução Russa.»

Dia 28

República: «Situação misérrima no antigo império.»

A Sementeira de Março (revista): «Os rurais e a Revolução Russa», artigo focando os problemas da agricultura e tentando situar a óptica dos sovietes.

A Sementeira de Abril: «A revolução social russa — Um correio maximalista.» Refere a viagem do socialista russo Holzman e a sua acção de esclarecimento contra a campanha antibolchevique.

A Sementeira de Maio: «A Revolução Russa — Depoimento dum socialista suíço.» Aqui, Fritz Platten tece um elogio à Revolução, referindo, no entanto, a alta de preços.

A Sementeira de Junho: «A queda da Rússia.» O autor continua a falar favoravelmente da Revolução Russa, referindo que, segundo o seu ponto de vista de libertário, ela não é a melhor de todas e que, se ele estivesse na Rússia, lutava ao lado dos seus camaradas anarquistas contra os maximalistas pelo alargamento das liberdades.

Apresenta-se ainda a recolha seguinte, bastante posterior a Novembro-Dezembro de 1917 e Janeiro-Fevereiro de 1918, porque, para além de *A Sementeira* e *O Movimento Operário,* são os periódicos operários que passamos a recensear aqueles que de forma mais representativa se vêm a situar algum tempo depois da Revolução Russa de 1917: *A Batalha,* como órgão oficial da Confederação Geral do Trabalho, sucessora da União Operária Nacional; *A Bandeira Vermelha,* como órgão da Federação Maximalista, primeira repercussão «institucionalizada» da Revolução Russa; *O Comunista,* como primeiro órgão do Partido Comunista Português da primeira fase, já com contactos com a Internacional, mas longe da compreensão dos princípios bolcheviques; *O Arsenalista,* como órgão anarquista representativo, e *A Comuna,* do Partido Socialista Português, que se apresenta apenas como curiosidade, e não porque se possa considerar imprensa operária.

A intenção é expressar as primeiras repercussões mais manifestas na imprensa operária de maior importância de então, convindo sublinhar a incapacidade desta mesma imprensa para se aperceber no primordial das grandes linhas que orientavam o movimento de Outubro.

A Comuna (bissemanário socialista)

30 de Abril de 1919 (primeiro número): «Saudação — Transpondo as fronteiras, as nossas saudações avançam para os trabalhadores de todos os países do mundo e especialmente para os 'bravos' do Ideal que no Oriente vêm de lutar para o estabelecimento dum regime social onde não existe quem tenha fome pela razão de ser o trabalho a condição de existência de todos os membros da sociedade.

Viva o Socialismo!

Viva a União dos Trabalhadores!»

«Ao surgir [...] *A Comuna* suburdinar-se-á a um programa — o programa do P. S. P. —, sem deixar de acolher aqueles que, não o seguindo, trabalhem para o mesmo ou mais avançado fim!

[...] Na República: avançados; no Bolchevismo: conservadores! Duma ou doutra maneira — sempre socialistas.

[...] Aos que em nós queiram descobrir tendências bolchevistas perguntaremos: — o que prefere um republicano convicto: ser avançado numa monarquia, ou conservador numa República?

Nós — e connosco *A Comuna* — preferimos ser os conservadores no bolchevismo, sem que esta preferência represente — por enquanto! — qualquer encargo e sem que deixemos de ser, acima de tudo, socialistas!»

São atacados os jornalistas burgueses que deturpam a revolução de 1917. César Nogueira faz um elogio fúnebre de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Existe ainda um quadro, «O Bolchevismo», em que uma espécie de lagarta com sete cabeças (ou tentáculos), dizendo cada uma: «Baviera, Moscovo, Munique, Egipto, Petrogrado, Húngria, Finlândia», assusta um burguês (fato, chapéu, relógio brilhando no colete, alfinete brilhando no colarinho, muitos anéis brilhando na mão). Nos números seguintes vai dando notícias da Internacional.

A Batalha (diário libertário)

25 de Fevereiro de 1919: «A revolução social na Rússia — manifesto do grande romancista Máximo Gorki aos trabalhadores de todo o mundo.» Um articulista, prefaciando esta carta, refere nomeadamente que: não estranha a campanha difamatória da imprensa burguesa contra a Rússia, pois o contrário é que seria de estranhar; a Revolução Russa tem toda a sua simpatia, embora aceite que talvez tenha havido excessos lamentáveis; acha importante a publicação da carta de Gorki, pois a imprensa burguesa tinha-o dado primeiro como contra-revolucionário e depois como morto.

1 de Março de 1919: «A revolução social na Rússia — os preliminares — repressão feroz e sangrenta da burguesia.» Analisa-se neste artigo a revolução de Fevereiro na Rússia, critica-se a provocação e a violência da burguesia, denuncia-se Kerensky como freio da Revolução e enaltece-se Lenine e Trotsky.

4 de Março de 1919: insere uma notícia de primeira página sobre Kropotkine, afirmando que nem está preso nem morto e que não tem nenhum agravo contra a revolução de Outubro. No mesmo número, um artigo, «A classe burguesa de todo o mundo declara guerra aos socialistas russos, servindo-se da força armada e da calúnia», critica o cerco imperialista e apelida a Liga das Nações de nova Santa Aliança com manto «democrático».

8 de Março de 1919: «O primeiro período revolucionário — Respondendo às acusações da burguesia — A influência da Revolução Russa.» Enaltece-se o exemplo duma guerra terminada pela revolução e refere-se que esta alastra. Acusa-se a burguesia de não ter o direito de falar em terror operário, pois eles é que são os verda-

deiros terroristas. Termina-se afirmando que era preferível a revolução social sem ditadura, mas reitera-se a necessidade de defesa a todo o custo das conquistas de Outubro.

12 de Março de 1919: «O governo maximalista não é a Revolução Russa.» Este artigo afirma a necessidade da violência revolucionária e mostra que aqueles que a criticam são os mesmos que aconselharam a Kerensky o uso da repressão. Adverte, no entanto, de que os excessos podem acarretar o restauro da reacção. Termina mostrando que na Rússia a revolução está realmente em marcha, pois as massas não esperam por decretos e leis, mas criam elas mesmas novas formas de acção.

23 de Março de 1919: na secção da primeira página «Na linha de fogo», assinada por Manuel Ribeiro, este rebate, no artigo «Bolchevismo — uma calúnia que se desfaz — amor livre obrigatório», um outro do *Matin* («cloaca de imundícies antibolcheviques») que afirmava uma socialização da mulher na Rússia. Manuel Ribeiro transcreve, aliás, a legislação soviética sobre o matrimónio.

27 de Março 1919: novamente na sua secção «Na linha de fogo», M. Ribeiro enumera as grandes realizações económicas soviéticas, refere o poder organizativo das massas e termina afirmando que nenhuma das grandes conquistas soviéticas teria sido possível sem a tomada do poder e a ditadura do proletariado.

A Bandeira Vermelha (órgão da Federação Maximalista)

5 de Outubro de 1919 (primeiro número; apreendido).

12 (segundo número): protestos contra a apreensão do primeiro número; divulgação da nova Rússia; artigo sobre a ditadura do proletariado; citações grandes de Lenine.

19 (terceiro número): «Pelo bolchevismo», «O bolchevismo em Portugal», «O sovietismo em marcha».

26 (quarto número): «Soviete e sindicato»; insere um texto de Trotsky.

1 de Novembro (quinto número): «Sovietismo», «O sindicalismo revolucionário é o mesmo que sovietismo», «O regime dos conselhos».